

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Tainara Machado do Rosário

A FORMAÇÃO INICIAL DO ESTADO-NAÇÃO SUL-RIO-
GRANDENSE NA OBRA *O TEMPO E O VENTO*: UM
ESTUDO DE *O CONTINENTE*

Passo Fundo

2016

Tainara Machado do Rosário

A FORMAÇÃO INICIAL DO ESTADO-NAÇÃO SUL-RIO-
GRANDENSE NA OBRA *O TEMPO E O VENTO*: UM
ESTUDO DE *O CONTINENTE*

Monografia apresentada ao Curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras, Português-Espanhol e Respektivas Literaturas, sob orientação da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Passo Fundo

2016

Tainara Machado do Rosário

A FORMAÇÃO INICIAL DO ESTADO-NAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE NA OBRA *O TEMPO E O VENTO*: UM ESTUDO DE *O CONTINENTE*

Monografia apresentada ao Curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a aprovação da disciplina de Monografia II, sob orientação da Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivânia Campigotto Aquino (Orientadora)

Esta dissertação é dedicada a minha mãe, Marinês Alves Machado, pelo seu apoio e amor incondicional que sempre dedicou a mim e às minhas irmãs.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pelo incentivo recebido aos meus estudos, pelo carinho que dedicam a mim e pelo orgulho que sentem pelos meus esforços nos estudos.

A Professora Dra. Ivânia Campigotto Aquino, pela orientação, agradeço imensamente pela oportunidade de tê-la como minha orientadora, destinando a mim seu tempo e expectativas. Também pelos inúmeros ensinamentos transmitidos, que contribuíram muito, certamente, para minha aprendizagem. Foi um prazer imensamente tê-la ao meu lado nesse momento que foi tanto de angústias, euforia, ansiedade, mas também de alegria e contentamento pelos ensinamentos adquiridos.

Aos Professores do curso de graduação em Letras/Espanhol, que também fazem parte de minha trajetória acadêmica e que com seus ensinamentos me ajudaram a chegar até aqui.

“As ideias, as imagens, os valores, as atitudes ou os estereótipos descritos num texto podem expressar o conteúdo de uma identidade e atuar na construção dos sentimentos de pertença e alteridade”.

(Heloísa Jochims Reichel)

RESUMO

Este estudo busca retratar a formação de uma nação atrelada a guerras e acontecimentos históricos do passado, os quais interferiram na sua formação, delineando, assim, sua atual configuração. Também, analisar e compreender a ideologia construída por Erico Verissimo em sua narrativa, por meio dos episódios descritos por ele, Platinista ou Lusitanista. E por fim como essa nação se reconhece, qual a sua identidade. A busca pela comparação entre o real e o fictício permitiu relacionar a literatura e a história, apontando a importância que ambas possuem na construção do pensamento crítico do indivíduo.

Palavras-chave: Romance histórico. Ideologia. Identidade.

RESUMEN

Este estudio busca retratar la formación de una nación vinculada a las guerras y a los eventos históricos del pasado que interfirieron con su formación, destacando así su configuración actual. También, analizar y comprender la ideología construida por Erico Verissimo en la narrativa de los episodios descritos por él, Platinista o Lusitanista. Y, finalmente, cómo se reconoce esta nación, cuál es su identidad. La búsqueda de la comparación entre lo real y lo ficticio permitió relacionar la literatura y la historia, señalando la importancia que ambas tienen en la construcción del pensamiento crítico del individuo.

Palabras clave: novela histórica . Ideología. Identidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS QUE DELINEARAM A FORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	12
1.1 O RS no Tratado de Tordesilhas	12
1.2 O RS com as Missões Jesuíticas	14
1.3 O RS no Tratado de Madri	15
1.4 A Guerra Guaranítica	16
1.5 A Colonização do Rio Grande do Sul	17
1.6 A Revolução Farroupilha (1835-1845)	19
1.7 A Revolução Federalista (1893-1895)	21
2 ANÁLISE DE O CONTINENTE, OS FATOS HISTÓRICOS DESCRITOS POR ERICO	23
2.1 As Reduções Jesuíticas	23
2.2 Tratado de Madri	24
2.3 Guerra Guaranítica	26
2.4 A Colonização do Estado	28
2.5 Análise da Revolução Farroupilha	32
2.6 Revolução Federalista	36
3 A CONSTITUIÇÃO DA NAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE	40
3.1 Erico Verissimo: platinista ou lusitanista?	40
3.2 Rio Grande do Sul, um Estado-nação	43
3.3 Identidade baseada em coragem e ousadia	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERENCIAS	49

INTRODUÇÃO

O Continente, primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, a qual é composta também por *O Retrato* e *O Arquipélago*, teve seu lançamento em 1949 e possui sete capítulos: *A fonte*, *Ana Terra*, *Um certo capitão Rodrigo*, *A Teiniaguá*, *A Guerra*, *Ismália Caré* e *O sobrado*. Cada episódio pode ser lido separadamente, pois cada um deles apresenta autonomia de sentido. É dividido em dois volumes, sendo *O Continente* vol. I e *O Continente* vol. II.

Os primeiros episódios são protagonizados por Pedro Missioneiro e Ana Terra. No episódio de *Ana Terra*, Pedro sai das missões jesuíticas, devido à guerra missioneira que destrói os Sete Povos das Missões, e depois de algumas andanças vai para o Continente de São Pedro, onde conhece Ana, filha de Maneco Terra, um paulista de Sorocaba que veio com sua família para o Continente com a esperança de uma vida melhor. Após se envolver com Ana, Pedro a engravida, sendo morto pelo pai e pelos irmãos dela, num ato de vingar a honra da família, após o caso ser descoberto. Verissimo descreve uma sucessão de fatos semelhantes no decorrer da narrativa, nos quais sempre opta pela continuidade, como em *Um certo capitão Rodrigo*, quando Rodrigo Cambará é morto em combate, deixando seu herdeiro, Bolívar, para garantir a descendência. O mesmo acontece com Bolívar, que, ao morrer, também deixa um descendente, Licurgo. A forma como Verissimo narra a saga dessa família é por meio de um processo de substituição e continuidade.

Nos dois volumes de *O Continente* o que se narra, através do ficcional, que serve-se de acontecimentos e personalidades históricas, é uma versão da formação inicial do Rio Grande do Sul. Verissimo conta, através da saga de uma família, os Terras-Cambaras, 200 anos da história gaúcha, de 1745 a 1945, tratando da ocupação do estado e das disputas pelas terras, que ocasionaram guerras, também ocorridas por posicionamentos e ideais políticos, envolvendo o estado e marcando sua história. Também é trazida por Verissimo a questão da colonização do Estado, como ocorreu e por quem, destacando grupos étnicos que vieram colonizá-lo.

Tais acontecimentos, ocorridos nas terras do sul do país, contribuíram para a formação de uma nação que inicialmente se denominou O continente do Rio Grande de São Pedro e posteriormente chegou a ser O Estado do Rio Grande do Sul.

Os objetivos desta monografia procuram analisar a concepção do estado-nação, para entender por que os sul-rio-grandenses, no romance *O tempo e o vento*, *O Continente*, de Erico Verissimo, se reconhecem parte de um Estado-nação. Também, relacionar os fatos descritos por Erico Verissimo no texto literário com os textos históricos, identificando semelhanças e diferenças. Por fim, analisar determinados personagens para, através das características narradas pelo autor, verificar o que se encontra em comum com a identidade do povo sul-rio-grandense.

A monografia contém três capítulos, sendo que no primeiro abordam-se fatos históricos como o Tratado de Tordesilhas, as Reduções Jesuíticas, o Tratado de Madri, a Guerra Guaranítica, a Colonização do Estado e as revoluções Farroupilha e Federalista. No segundo capítulo será feita a análise dos acontecimentos históricos contidos em *O Continente*, para entender como Erico Verissimo aborda esses fatos, assim como o porquê são indispensáveis para a formação do Estado. No terceiro capítulo será abordada a corrente que Verissimo segue, se defendia ideias lusitanas ou platinistas. Nesse capítulo também serão analisadas as características de alguns personagens que revelam a identidade tão comentada do povo gaúcho.

O tempo e o vento é uma obra de referência na América Latina no que se refere ao gênero romance histórico. Caracteriza-se por ser uma narrativa de formação, por meio da qual o autor interpreta a composição de uma sociedade que ressalta a importância do elemento humano como constituinte de um povo. Portanto, o problema desta pesquisa consiste em analisar como Erico Verissimo retratou, na parte *O Continente*, a formação inicial do Estado Rio Grande do Sul. Será discutido se sua abordagem, nesse sentido, estabelece relação ideológica com os princípios platinistas ou lusitanistas.

Como um descampado, que aos poucos foi tornando-se um povoado, o Continente de São Pedro gerou uma nação atrelada a guerras e a disputas políticas. Assim, busca-se, também, através das características de determinados personagens, entender como foi construída a identidade do povo sul-rio-grandense.

Estudar *O Continente* deve-se à motivação que deriva do grande talento do autor ao abordar o tema que abrange a formação inicial do Estado do Rio Grande do Sul, detalhando como aconteceu seu povoamento, de uma maneira clara e criativa. Particularmente, escolhi esse tema por gostar muito de História, principalmente porque estudarei uma parte da história sul-rio-grandense, sabendo como se formou o Estado em que sempre vivi, e o que o passado

influenciou no presente. Será muito oportuno para meus conhecimentos acerca do contexto histórico, e muito prazeroso ler e analisar uma das obras do grande escritor gaúcho Erico Verissimo.

1 ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS QUE DELINEARAM A FORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

O presente capítulo busca analisar os acontecimentos históricos ocorridos no território do atual Rio Grande do Sul, que influenciaram a sua formação, assim como sua atual geografia.

1.1 O RS no Tratado de Tordesilhas

O Rio Grande do Sul, para se tornar o Estado de hoje, passou por vários episódios históricos e marcantes que interferiram ou colaboraram para sua formação e estrutura geográfica que hoje ocupa no Brasil. Foi um Estado com palco de muitas disputas, formado por várias etnias que vieram em busca de ideais promissores como os que o Estado mostrava logo que começou a se formar.

Para conseguirmos explicar bem a respeito do assunto do Tratado de Tordesilhas, é necessário que, antes, recordemos um pouco da História do descobrimento do Brasil.

Com as grandes navegações que estavam sendo realizadas pelos reinos que faziam parte da Europa, em 1500, Cotrim e Rodrigues (2012, p.24) descrevem que o governo Português, objetivando expandir seu comércio marítimo e acumular riquezas, enviou uma esquadra para a Índia, com o intuito de estabelecer vínculos comerciais sólidos com o Oriente. De acordo com Cotrim a esquadra partiu da capital, Lisboa, no dia 9 de março do mesmo ano, e seu destino era Calicute. Uma versão histórica explica que, na tentativa de descobrir uma nova rota de comércio para as Índias, devido às dificuldades da rota pelo Mediterrâneo, a navegação tentou caminho pelo Oceano Atlântico. Dessa forma, ao se afastar da costa Africana, a Embarcação, sob o comando de Pedro Alvarez Cabral, nobre português, mas sem experiência em navegações, se aproxima das terras do continente americano. Perdidos no mar, no dia 22 de abril de 1500, os tripulantes avistaram terras que não conheciam. Outra versão afirma que Portugal já possuía notícias sobre terras nesta parte da América. A rota, portanto, teria sido programada com antecedência.

De início, a Terra encontrada é designada Vera Cruz. Porém, o termo não foi muito utilizado e, mais tarde, o local passa a ser chamado, pelos europeus, de Terra de Vera Cruz, Terra dos Papagaios ou Brasil. Brasil é termo que passou a ser empregado como nome no início do século XVI devido à árvore pau-brasil encontrada abundantemente nas terras.

Apesar de Portugal ter sido o primeiro a chegar no Brasil, a Espanha foi quem primeiro chegou nas terras do continente Americano, pois no ano de 1497, Colombo, sob financiamento dos reis da Espanha, partiu com três navios com o intuito de chegar à Índia para fazer relações comerciais. Porém, as terras em que abarcou eram Americanas. Pensando estar na Índia, Colombo denomina seus habitantes de índios. Dessa forma, logo que Colombo descobriu a América, os espanhóis apressaram-se para garantir a posse do novo continente e interpelaram para o Papa espanhol Alexandre VI, devido ao fato da religião católica ser respeitada, assim como o Papa, que era considerado uma autoridade pelos Reis Cristãos da Europa, sendo muitas vezes mediador de conflitos entre os reinos. Atendendo ao pedido dos espanhóis, o Papa Alexandre VI assina, no ano de 1493, um documento no qual divide as terras descobertas. Cotrim e Rodrigues comentam mais detalhadamente essa divisão:

Em 4 de maio de 1493, o papa assinou um documento, chamado Bula Inter Coetera. O documento dividia entre os reis de Portugal e de Espanha as novas terras e outras que viessem a ser descobertas. Criou-se uma linha imaginária (um meridiano) unindo o polo Norte ao polo Sul, que passava a 100 léguas (660 quilômetros) a oeste das ilhas de Cabo Verde. As terras que estivessem a oeste do meridiano pertenceriam à Espanha; as que ficassem a leste pertenceriam a Portugal. (COTRIM; RODRIGUES, 2012, p.29).

De acordo com o documento, a maior parte do continente Americano ficaria com a Espanha, restando a Portugal terras do continente Africano. Esse acordo não agradou aos portugueses, que ameaçaram reagir à força ao tratado. Após um acordo entre os diplomatas espanhóis e portugueses, ambos os reinos decidem fazer um novo acordo, o qual dividiria, de forma a contentar os dois lados, as terras do continente Americano. Essa nova divisão recebe o nome de Tratado de Tordesilhas, assinado em 7 de junho de 1494, na povoação castelhana de Tordesilhas. Acerca desse novo Tratado, Cotrim e Rodrigues comentam:

Pelo acordo, conhecido como Tratado de Tordesilhas, traçou-se uma nova linha imaginária que passava a 370 léguas a oeste de Cabo Verde. As terras a oeste da linha

pertenceriam à Coroa da Espanha, enquanto as terras a leste seriam dos reis de Portugal. (COTRIM; RODRIGUES, 2012, p.29)

De acordo com o Tratado e sua linha imaginária, a área do atual RS pertencia aos espanhóis, enquanto a maior parte do Brasil ficava com Portugal. A divisão não foi muito respeitada, permanecendo válida até 1750, quando os portugueses começaram a ocupar o que não lhes pertencia, avançando para terras a oeste. Assim, a partir desse momento passou a vigorar o princípio que a terra pertencia a quem a ocupasse. De acordo com dados históricos, pode-se saber, hoje, onde passava a linha de Tordesilhas: de Belém (Pará) à cidade de Laguna (Santa Catarina). Dessa forma, grande parte do território brasileiro pertencia a Portugal, que não respeitava o Tratado e ocupava também as terras pertencentes ao domínio hispânico. Porém, os espanhóis não deram muita atenção a isso, pois estavam ocupados demais com as terras que descobriram no restante da América, ao norte, a oeste e ao sul do Brasil.

1.2 O RS com as Missões Jesuíticas

Com a descoberta do Novo Mundo, Portugueses e espanhóis começaram cada qual a ocupar sua parte, de acordo com a divisão feita no Tratado de Tordesilhas. Como o Brasil possuía muitas riquezas a serem exploradas, ambos decidem colonizar as novas terras, começando assim a ocupação dos territórios, que já eram habitadas por nativos. De acordo com Maestri (2010), estima-se que na época da chegada dos europeus cerca de cem mil nativos viviam na região sul do Brasil.

Desde o início, a conquista da América esteve ligada à religião. A Igreja Católica queria expandir o Cristianismo entre os povos nativos e nessa missão evangelizadora vieram inúmeros padres para a América, para dedicarem-se à catequese dos indígenas assim como ao ensino deles. Dessa forma, a Igreja foi aliada no processo da conquista e da colonização, posteriormente, também da submissão dos nativos. Quem recebeu papel especial de introduzir a religião, assim como os costumes dos colonizadores, foram os Jesuítas. A Espanha começa a ocupar sua parte do Tratado, através da criação de aldeamentos, reduções ou missões. Essa foi uma das principais formas de colonização do Novo Mundo, da América Espanhola.

Os colonizadores observaram que os nativos viviam no Brasil sem Rei, e segundo eles, também não possuíam religião aceitável. Nesse sentido, com a criação das reduções, o cotidiano

dos nativos seria administrado pelos padres, que ensinariam habilidades e profissões. As reduções também serviriam para proteger os nativos da escravização de trabalharem em lavouras.

As reduções que mais se destacaram, pertencentes à Espanha, no Rio Grande do Sul, foram Os Sete Povos da Missões, na zona missioneira. Essas missões prosperaram a tal ponto que a Espanha sentiu medo de perder seu controle. Conforme o tempo passava, as reduções prosperavam cada vez mais, desenvolvendo produções agrícolas e pastoris maiores, em alguns casos, das estâncias dos colonos. Com o tempo e a progressão das reduções e do trabalho feito pelos padres, a Companhia de Jesus acumulou inúmeras riquezas a ponto de se tornar um Estado Paralelo na América.

1.3 O RS no Tratado de Madri

No ano 1679, em frente à cidade de Buenos Aires, na margem oposta do Rio do Prata, foi fundada, por Portugal, a Colônia do Sacramento. Visto que no Brasil estava proibido o comércio de gêneros como açúcar, tabaco e algodão, essa colônia acaba por se tornar um centro de contrabando para comerciantes portugueses e ingleses. Dessa forma, os comerciantes teriam acesso a Buenos Aires. Este fato acirrou a rivalidade entre Portugal e Espanha, uma vez que Sacramento estava localizada na entrada do rio do Prata, aproximando, assim, os portugueses dos tesouros de Espanha, e a prata extraída da atual Bolívia passava por esse ponto. Os espanhóis não queriam a presença dos portugueses perto de suas riquezas, almejando para si o controle da região do Prata. Por isso, era extremamente importante a segurança do seu império, diante do fato da colônia ser um ponto de contrabando, a posse exclusiva daquela região que para os espanhóis representava condição de vida ou morte. Contudo, para os portugueses, abrir mão da região seria motivo de desonra.

Além do fato da fundação da Colônia, inúmeros motivos aumentaram as brigas por demarcação de território, mostrando que o Tratado de Tordesilhas não estava sendo cumprido por ambos os lados, pois cada qual interpretava-o de acordo com os seus interesses. Para os portugueses, as 370 léguas deveriam ser medidas a partir da Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde; para os espanhóis, o ponto de partida seria a ilha de São Nicolau. Os dois países não

chegavam a um acordo sobre quem realmente possuía o domínio de cada região das terras descobertas. O acúmulo de desacordos levou à substituição do Tratado de Tordesilhas pelo Tratado de Madrid, que é assinado na capital espanhola em 13 de janeiro de 1750, entre os reis de Portugal e da Espanha. O novo Tratado redefinia os limites entre as duas colônias sul-americanas, pondo fim às brigas. Foi feito com base no Mapa das Cortes e foi seguido o princípio do *Uti Possidetis* – direito de posse – para delinear a divisão territorial. De acordo com o *Uti Possidetis*, a terra pertenceria àqueles que já se encontravam estabelecidos nela, com trabalho e residência fixa. Sob essas condições, os portugueses garantiram para si, através da colonização, grande parte do território que atualmente forma o Brasil.

O Tratado de Madri delineou mais uma vez o que pertenceria a cada parte. Um dos acordos para trazer a paz entre os povos iberos foi uma troca. Portugal cederia para a Espanha a Colônia do Sacramento e a Espanha entregaria para Portugal os Sete Povos da Missões, onde as reduções jesuítas prosperavam em ritmo crescente e autônomo. Porém, os portugueses exigiam a expulsão dos povos missioneiros, o que ocasionou revoltas e conflitos que também marcaram a história do Brasil, sobretudo a do atual Rio Grande do Sul.

1.4 A Guerra Guaranítica

O Rio Grande do Sul foi um cenário de muitas e grandiosas guerras disputadas pelo território até se tornar o que é hoje. A História do Estado é rica em acontecimentos e fatos surpreendentes que denotaram valentia, luta, coragem e amor à terra.

Os missionários jesuítas interpelaram à Coroa espanhola no intuito de anular a decisão do Tratado de Madri. O prazo acordado no Tratado para a saída dos Sete Povos da Missões, que deviam se mudar para a outra margem do Uruguai, era de um ano, dessa forma os missionários deveriam se retirar das reduções, pois Portugal e Espanha logo começariam a demarcação dos novos limites. Visto que não teriam condições de concluir a transferência dentro do tempo estabelecido, os jesuítas solicitaram a ampliação do prazo, pois consideravam necessário pelo menos três anos para deslocar mais de 30 mil pessoas e 700 mil cabeças de gado. Mas a prorrogação foi negada, restando aos padres convencer os guaranis a migrarem para a outra margem do rio Uruguai.

Porém, após a notícia do Tratado e da mudança imposta aos missioneiros, a vida das reduções mudou drasticamente. Os nativos haviam se rebelado contra o acordo e não acatavam mais as ordens dos jesuítas. Eles não aceitavam abandonar suas terras, pelas quais trabalharam tanto para fazer prosperar, e mudar para a outra margem do Uruguai. Não era apenas rebeldia e sim bom senso, pois o governo havia dado o prazo de apenas alguns meses para que os padres e índios saíssem com tudo o que podiam das terras. Nem mesmo aceitando a sentença, o povo das missões conseguiria transportar todo o gado, pois a travessia era difícil e arriscada. Para que isso ocorresse, levariam -se anos. A Espanha, porém, não se importou com o povo das missões e começou, rapidamente, a demarcação territorial, juntamente com Portugal. Esse descaso levou os índios a uma desordem e a unirem-se para enfrentar os iberos. A partir de então se desencadeia uma série de conflitos, nos quais os guaranis, índios missioneiros, unem-se para defender suas terras, e neste cenário destaca-se a figura lendária de um corregedor de uma das missões, que comandou os exércitos nativos, e inspirava confiança nos índios. Esse herói dos missioneiros foi Sepé Tiaraju, que lutou bravamente para tentar garantir as terras dos Sete Povos das Missões.

Após inúmeros conflitos, dos quais os nativos saíram várias vezes vitoriosos, os exércitos de Espanha e Portugal se unem, formando uma imensa frente de combate. Em 16 de maio de 1759, os ibéricos ganharam a batalha decisiva, encerrando assim a Guerra Guaranítica. Ao final da Guerra, os índios que restaram obrigaram-se a abandonar o território dos Sete Povos.

1.5 A Colonização do Rio Grande do Sul

Logo após a expulsão dos povos da missões, os lusitanos trataram imediatamente de garantir a ocupação das terras, pois a principal intenção deles era garantir a posse do Continente do Rio Grande. Dessa forma, o governo Português passou a criar estratégias para atrair imigrantes para colonizar o território missioneiro. Os primeiros imigrantes a virem para o Sul, para o solo gaúcho, sob incentivos dos portugueses, de acordo com Vera Lúcia Maciel Barroso, foram os açorianos (2011).

Barroso (2011) fala da importância do papel dos açorianos que serviram como “resguardadores da fronteira sul-brasileira”, e comenta que a historiografia colonial do Rio

Grande do Sul ainda não reconhece esse papel devidamente. De acordo com a autora, o incentivo dado à imigração foi no sentido de garantir segurança para o Reino Português, para dessa forma resguardá-lo. Ela explica que os imigrantes foram situados para além de Rio Pardo, base militar portuguesa, para a demarcação dos limites, na área missioneira com o fim de ali exercerem o papel de cunha garantidora do domínio português na região. Portanto, esta era a real função que então lhes era imposta – a de serem soldados a serviço de Portugal, cumprindo, assim, o princípio do *uti possidetis*.

Em 1752 muitos açorianos, com as várias promessas dos lusos, começaram a chegar pelo porto de Rio Grande ao Rio Grande do Sul, assim como outras etnias, formando o Estado, que passou a se desenvolver colonialmente pelas intenções da coroa portuguesa de usar a colonização como meio de garantir sua soberania sobre as terras. A principal esperança dos estrangeiros ao virem para o Continente do Rio Grande São Pedro era de obter uma vida melhor, o que parecia viável com as promessas do governo, além de saberem que as terras possuíam ótimo solo e condições de plantar e cultivar. Alojaram-se nas terras e instauraram estâncias, plantações, e também com o tempo foram criadas várias colônias. De acordo com Glock (1999, p.88): “Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Brasil atraídos pelas vantagens oferecidas pelo governo brasileiro, como transporte grátis, doação de um lote de terra, instrumentos de trabalho, sementes, assistência medica e religiosa”.

Segundo a autora, o governo passou a incentivar a migração ao perceber que o país era constituído em sua grande maioria por escravos, e que carecia de uma classe média. Também porque percebeu que era preciso estimular o comércio e a indústria e começar a ocupar as regiões estratégicas. Porém, de acordo com vários dados da história, alguns imigrantes passaram por inúmeras dificuldades, como durante a viagem, sua acomodação e a administração de suas vidas, pois acreditaram em promessas, que em grande parte não foram cumpridas.

Com relação à vinda do imigrantes ao Rio Grande do Sul, Glock (1999) comenta que o incentivo para a vinda dos mesmos foi uma medida encontrada pelo governo para “implantar a pequena propriedade e integrar o Estado, de forma mais ativa, dentro do processo econômico nacional” (GLOCK, 1999, p.88). O que hoje pode-se dizer foi uma medida competente, pois atingiu seus propósitos, considerando que o Rio Grande do Sul moldou-se com grandes fazendas, propriedades, estâncias, que auxiliaram no seu crescimento, assim como exerceram grande papel na economia do estado e do Brasil.

O incentivo à imigração atraiu muitos estrangeiros, que passaram a vir inclusive em grupos, constituindo assim grande parte do povo sul-rio-grandense. Formaram-se, dessa forma, várias colônias, dentre as quais as alemãs. Os germânicos chegaram em 1824 e somaram-se aos açorianos, e, em locais ainda desocupados, fundaram colônias, como as de São Leopoldo e as do Vale do Caí, fazendo das terras lavouras nas quais trabalhavam muito com suas enxadas. Mais tarde, seus descendentes estenderam os territórios, compondo as colônias mistas, como Ibirubá e Panambi. Prosperaram ao ponto das colônias chegarem a se tornar hoje grandes cidades desenvolvidas.

Na década de 1870, outros imigrantes vieram para o RS atraídos pelas promessas do governo: os italianos. Glock comenta a vinda dessa etnia, destacando que “O rio Grande do Sul recebeu 80 mil imigrantes no período entre 1875 e 1914. A maior deles vinha de Lombardia, do Veneto e do Tirol, atraídos pelo sonho do Novo Mundo (GLOCK, 1999, p.93).” A autora comenta também sobre as colônias fundadas pelos italianos, como as colônias de Conde D`Eu (atualmente Garibaldi), Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Caxias e Silveira Martins. Outras que surgiram com o tempo foram as de Antônio Prado, Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado. A principal atividade italiana estava ligada a parreirais, a vinhos e doces como compotas. Esses imigrantes contribuíram muito para o desenvolvimento do Estado, expandindo as cidades e as fazendas e entrando na economia nacional.

1.6 A Revolução Farroupilha (1835-1845)

No final do século XVIII começou a se propagar pelo mundo ideais iluministas e liberais. No Brasil, início do século XIX, a monarquia passou a ser vista como um atraso ao desenvolvimento econômico do país, principalmente pela burguesia que se formava. De acordo com Maestri (2010), com a queda de Dom Pedro I em 1831, os liberais assumiram o poder, defendendo a monarquia. Promoveram reformas institucionais para ampliar o apoio do regime regencial, o que lhes garantiu maior domínio pelos planos do governo. O que não agradou aos federalistas, que tinham como principal objetivo a constituição de uma Assembleia Provincial que defendesse o direito de eleição direta para presidente da província.

Nesse âmbito, os liberais federalistas passaram a promover movimentos de revoltas em várias regiões do país, sendo os movimentos mais conhecidos a Balaiada (1838-41) no

Maranhão e a Cabanagem (1835-6) no Pará. No Rio Grande do Sul, o movimento liberal assumiu caráter separatista e republicano, passando a ser chamado historicamente de Revolução Farroupilha. O estado desejava autonomia para desenvolver o que não possuía com o regime vigente. Maestri (2010) comenta que muitos integrantes do lado dos farrapos pretendiam apenas impor um presidente sul-rio-grandense que reivindicasse a favor das classes proprietárias regionais e não apenas se preocupasse com o poder central distante da realidade do sul.

De acordo com fontes históricas, a partir do ano de 1821 o governo central passou a exigir a cobrança de taxas altíssimas sobre os produtos rio-grandenses, dentre os quais seus mais importantes, como charque, erva-mate e couros. Ao romper a década de 30, além de cobrar taxas excessivas sobre o charque gaúcho, o governo central passou a incentivar a importação de produtos que vinham da região do Prata. Isso desfavorecia os gaúchos rio-grandenses, que perdiam seu mercado para os gaúchos platinos, os quais contavam com preços melhores. Também foi aumentada a taxa de importação do sal, indispensável para a fabricação do produto, levando os produtores de charque a se revoltarem. Diante desses episódios, inicia-se uma revolução na qual brigavam Imperialistas e Republicanos, os primeiros defendendo a continuação do império e os segundos lutando pela proclamação da república brasileira, com o objetivo de tornar as províncias mais autônomas. Além do fato da cobrança excessiva de impostos aos estancieiros do sul, sobre seus produtos, o que os levou a essa revolução, outro acontecimento que a fez piorar foi quando, em 1835, o presidente da província Fernandes Braga afirmou a existência de um plano que tinha por objetivo separar a província do império do Brasil, e uni-la ao Uruguai.

Em 19 de setembro de 1835, combatentes farroupilhas reuniram-se nos arredores da capital. O presidente Fernandes Braga tentou reunir suas tropas para combater os farroupilhas, que em sua grande maioria eram negros e índios, além de toda a oposição da província. Os rebeldes invadiram a capital, com o objetivo de depor o presidente. Diante da pressão e ameaça de ataques por parte das tropas farroupilhas, Fernandes Braga abandonou a presidência, sendo colocado em seu lugar Marciano Pereira Ribeiro, seu vice e chefe do partido farroupilha do Rio Grande do Sul.

A Revolução Farroupilha durou 10 anos, entre 1835 e 1845. Nesse período ocorreram inúmeras batalhas entre farrapos e imperiais, que com a prorrogação da guerra começou a enfraquecer, desanimando os que haviam apoiado seu começo, pois além do tempo que se alastrava, a República Rio-grandense já estava em decadência, sendo necessário para o bem do Estado que a guerra acabasse. Um dos principais nomes da Revolução, Bento Gonçalves, em

1844, abandonou a luta e retirou-se para sua estância. Os demais chefes e representantes Farroupilhas começaram a preocupar-se em apenas sair com dignidade e melhores condições da guerra, aguardando assim um acordo com o Governo. Esse acordo surgiu em 1845, quando os farroupilhas assinaram o tratado de Ponche Verde, que tinha como principais objetivos manter a província sob ocupação militar; transferir os oficiais farroupilhas às tropas imperiais e libertar os soldados negros.

1.7 A Revolução Federalista (1893-1895)

A Revolução Federalista ocorrida no Rio Grande do Sul, entre 1893 e 1895, envolveu dois grupos políticos gaúchos contrários: os chimangos (pica-paus), pertenciam ao governo de Floriano Peixoto, que defendiam o governo de Júlio de Castilhos, a centralização política e o presidencialismo do Governo Federal; e os maragatos (federalistas), que defendiam o parlamentarismo e um sistema de governo descentralizado. De acordo com Maestri (2010), o plano político dos federalistas era de suspender a constituição republicana estadual, com a deposição de Júlio de Castilhos.

O principal motivo desta revolução foi o descontentamento dos grandes criadores de gado que não concordavam com a política implantada pelo governo federal após a Proclamação da República. Esses fazendeiros possuíam muita importância na economia do estado, mas dependiam do contrabando da carne para a sobrevivência, atividade essa que foi reprimida pelo governo central, de Júlio de Castilhos, que desejava com o fim do contrabando fortalecer as rendas públicas, melhorando a gestão do Estado e o incentivo à industrialização. De acordo com Maestri (2010), a carne era charqueada no Rio Grande do Sul e exportada pelo porto de Montevideú. Com as medidas rigorosas tomadas pelo governo, o contrabando de charque passou a ser proibido, levando os Federalistas a exigir uma revisão da constituição. A Revolução atingiu também o Paraná e Santa Catarina.

As tropas dos maragatos eram apoiadas pelos grandes fazendeiros do sul do estado e da serra. Estes forneciam peões e agregados para participarem nos combates. O exército republicano era formado por militares treinados, a milícia gaúcha atuava no cenário para manter a república e o governo do Estado, tendo como funções fazer se respeitar as ordens e leis. Os

republicanos, no decorrer dos conflitos, se preparavam cada vez mais para as batalhas com armamentos.

Os federalistas conseguiram obter, no início da Revolução, algumas vitórias, e, sob a liderança de Gumercindo Saraiva, avançaram sobre Santa Catarina. Em janeiro de 1894, os Maragatos se uniram aos participantes da Revolta da Armada, entrando no estado do Paraná e tomando a cidade de Curitiba. No final desse mesmo ano, 1894, o movimento federalista acaba por perder forças; morre em Carovi, no norte do Estado, Gumercindo Saraiva, líder federalista, que destacou-se na revolução por lutar decididamente a derrubar o governo de Júlio de Castilhos. O maragato Gumercindo foi atingido fatalmente por duas balas certeiras no coração. Logo que o corpo dele foi sepultado, os chimangos desenterraram-no para o expor como triunfo de guerra. Neste contexto surge Apolinária, que fica conhecida por velar pelo corpo de Gumercindo. Apolinária o enterra, mas sob ameaças é obrigada a revelar o lugar da sepultura, para que novamente os republicanos a violassem, desenterrando mais uma vez o corpo, sendo que desta vez cortaram a cabeça e a enviaram como troféu a Júlio de Castilhos, que por sua vez não aprovou o ato.

Na batalha da Lapa, no Paraná, as forças federais de Floriano Peixoto, do lado dos republicanos, venceram os revoltosos e, com a chegada de tropas paulistas, os federalistas tiveram que recuar. Em 23 de agosto de 1895, a paz foi assinada na cidade de Pelotas, afirmando a derrota dos federalistas. A Revolução Federalista ocasionou a morte de 10 mil pessoas, dentre soldados, civis, mulheres e inclusive crianças. Foi uma parte da história gaúcha marcada por violências, degolas, estupros, cheia de atrocidades, destruindo a vida de várias pessoas e famílias.

2 ANÁLISE DE *O CONTINENTE*, OS FATOS HISTÓRICOS DESCRITOS POR ERICO VERISSIMO

Este capítulo tem como meta analisar os fatos históricos, transpostos para dentro do romance. A questão norteadora é como Erico Verissimo, através do imaginário, faz com que o leitor crie o efeito de verdades. A partir disso, busca-se identificar quais as semelhanças e diferenças do texto ficcional com os textos históricos.

2.1 As Reduções Jesuíticas

Em *A fonte*, primeiro episódio de *O Continente*, Verissimo narra uma das primeiras ocupações do RS. Trata-se da ocupação que até hoje mantém controvérsias: a espanhola, que introduziu, na zona missioneira, as reduções jesuíticas a serem administradas por padres. O autor narra como funcionava a vida dos padres jesuíticas juntamente com os nativos missionários nas reduções dos sete povos das Missões, povoando, assim, a mente do leitor com grandes detalhes e pormenores sobre os fatos sucedidos pelas disputas das terras do continente do Rio Grande de São Pedro.

Com relação à vida nas missões, narrada no romance, podemos perceber que os jesuíticas alcançaram seu objetivo de catequizar os índios, sob a perspectiva da personagem Padre Alonzo, numa narrativa epistolar, por meio da carta a sua família, descrevendo como passaram a viver os índios depois da chegada da companhia de Jesus em suas terras:

Os índios das reduções vivem hoje mais cristãmente que muitos brancos de Pamplona, Madri ou Lisboa. Estão já redimidos do feio pecado da promiscuidade, pois todos se casam de acordo com as leis da Igreja e guardam o sexto mandamento; temem a Deus, são batizados e fazem batizar os filhos; no leito de morte nunca deixam de receber o viático; e quando morrem são encomendados e finalmente enterrados em campo-santo. (VERISSIMO, 2004, p.56)

Podemos perceber, nessa passagem em que Verissimo narra a catequização dos indígenas por parte dos jesuíticas, que, antes dela, eles viviam sob suas próprias vontades, não

eram “civilizados”^{*} como os povos europeus, que diziam que os nativos não conheciam religiões, doutrinas, senão as deles próprios, sendo isso algo inaceitável para os ibéricos. O autor descreve que os jesuítas conseguiram se aproximar dos indígenas e transmitir seus costumes através da música:

A música havia sido e ainda era para os missionários um dos meios mais efetivos catequização. Tocando seus instrumentos e cantando, eles se haviam aproximado pela primeira vez dos guaranis, desarmando-os espiritual e fisicamente e conquistando-lhes a confiança e a simpatia. (VERISSIMO, 2004 p.58).

De acordo com Verissimo (2004), a música também serviu como meio para a comunicação entre padres e indígenas, já que ambos falavam línguas diferentes.

Além da religião católica, foram também ensinados aos nativos, outras línguas, ofícios e profissões, para que todos aproveitassem melhor seu tempo e se tornassem, dessa forma, civilizados. Ainda no episódio de *A fonte*, Padre Alonzo, em sua carta a parentes da Espanha, diz que, “muitos desses chamados selvagens sabem, além da língua nativa, o Latim e o espanhol, e são hábeis escultores, pintores, oleiros, ourives, tecelões, fundidores de bronze, e músicos.” (VERISSIMO, 2004, p. 56).

Os Sete Povos da Missões viviam em harmonia, de acordo com o romance de Verissimo. As reduções possuíam sua organização na qual os índios também possuíam espaço para as decisões e opiniões, reservando-se para eles ofícios de Alcaldes, Alferes Real, dentre outros que tomavam juntamente com os padres decisões sobre as Missões.

2.2 Tratado de Madri

Podemos perceber, pelo que é narrado por Verissimo, que apesar da divisão feita no Tratado de Tordesilhas, Espanhóis e Portugueses continuavam a brigar. Segundo o autor, por “questões de limites” (VERISSIMO, 2004, p.62) das terras. Os Sete Povos das Missões, cujas reduções eram as mais progressistas e organizadas, pertenciam à coroa da Espanha, sendo que na direção do nascente ficava o Continente do Rio Grande de São Pedro, próximo dos Sete Povos, que Portugal estava tentando garantir a posse para si. No episódio de *A fonte* narra-se

^{*} O conceito “civilizado”, abordado no presente trabalho, é relativo. É a visão eurocêntrica que faz parte do discurso do colonizador.

que Portugal havia fundado há mais de 65 anos a Colônia do Sacramento, à margem esquerda do rio do Prata, no atual Uruguai, o que passou a ser desde então motivo de discórdia entre Espanha e Portugal, devido ao fato de Sacramento estar localizado na entrada do rio do Prata, aproximando os portugueses dos tesouros de Espanha, já que a prata extraída da atual Bolívia era levada para esse ponto. Verissimo narra no episódio *A fonte*, a preocupação de Padre Alonzo com relação à cobiça dos portugueses pelas terras do Continente do Rio Grande de São Pedro, pois entre a Colônia do Sacramento e Laguna, ambas pertencentes aos portugueses, havia uma imensa extensão territorial que as separava, a qual, constantemente, era ocupada por vicentistas que buscavam encontrar ouro e prata, pegando para si também gado, cavalos e tudo que encontravam, além de levar consigo índios para serem escravos e prear índias. Esse grupo afastava os portugueses dessas terras, devido à violência e ameaça de ataque contra eles. Em razão desse fato, Portugal precisava encontrar um outro modo para ligar Laguna à Colônia do Sacramento, sendo que o Continente de São Pedro seria uma opção para realizar sua vontade: “O governo português resolvera então povoar o Rio Grande de São Pedro, a fim de facilitar as comunicações entre Laguna e Sacramento, bem como para garantir a posse deste último estabelecimento.” (VERISSIMO, 2004 p.45).

O território do Continente do Rio Grande de São Pedro interessava muito a Portugal, que já estava se apressando para garantir seu domínio sobre ele. A preocupação dos personagens de *A fonte*, especialmente de Padre Alonzo, é de os portugueses voltarem seus olhos de cobiça para os Sete Povos, por motivos de expandir seus territórios, apossando-se do que estava à sua volta. Preocupação essa que acaba por acontecer com o Tratado de Madri.

Verissimo narra como aconteceu a desgraça e decadência dos Sete Povos, quando assinado o Tratado de Madri no qual Espanha cedia os Sete Povos em troca da Colônia do Sacramento cedida por Portugal. São trazidas aos leitores, através da leitura de *A fonte*, as medidas que foram tomadas, no romance, pela coroa de Espanha, que manda os missionários das reduções sair de seus aldeamentos, levando consigo os índios e tudo o que pudessem carregar, assim como o gado. Deveriam entregar aos portugueses todos os templos, casas e propriedades, tendo o prazo de poucos meses para cumprir o que, na verdade, levaria anos para ser feito. Verissimo narra como se deu a resistência por parte dos jesuítas, que foi grande assim como a dos indígenas, e de muitos representantes importantes que fizeram interpelações à coroa de Espanha, para que esta repensasse a decisão do tratado:

Durante todos aqueles anos os padres das missões, de um e outro lado do Uruguai, tinham despachado cartas de protesto. O próprio Governador de Buenos Aires havia feito uma representação ao rei de Espanha, mostrando-lhe os inconvenientes daquela permuta, contra a qual se manifestara também a Audiência Real de Charcas e o bispado de Córdoba e Tucumán. (VERISSIMO, 2004 p. 78)

A resistência ao acordo estabelecido pelo Tratado de Madri, que percebemos ser narrada por Verissimo, foi grande, pois, para o povo das Missões, não havia motivos para trocar terras férteis, com lavouras, templos e obras maravilhosas com a colônia do Sacramento. Porém, apesar das manifestações e interpelações contra o Tratado de Madri, a Espanha não desiste do acordo, que para ela era vantajoso, uma vez que garantiria o domínio sobre a região do Rio do Prata, que a Espanha tanto ambicionava. Dessa forma, a Coroa Espanhola começa a demarcação dos territórios, juntamente com Portugal.

Esse tratado representou uma mudança na formação do RS, que antes pertencia aos espanhóis e era ocupado em sua grande maioria por nativos, mas com o acordo passou a ser dos lusitanos, o que desencadeou todo um processo de colonização para a ocupação das terras que passaram a pertencer à Coroa Portuguesa.

2.3 Guerra Guaranítica

Com a decisão tomada pela Espanha, que não considerou as interpelações, em seguir o Tratado de Madri, nada mais restou ao povo das Missões senão lutar para tentar defender suas terras e suas reduções. Verissimo nos mostra que os padres perderam toda a disciplina dos nativos, que levaram à desordem total das missões com o alvoroço ocasionado pelo Tratado. Os nativos começaram a se organizar para proteger as missões contra os povos iberos que logo trataram de começar a demarcação do território, porém não o conseguiram inicialmente devido à ameaça de ataques por parte dos rebeldes indígenas.

A demarcação começara. Portugueses e espanhóis tinham ficado indiferentes a todos os protestos. Havia um porém, diante do qual não podiam apenas encolher os ombros: era a manifestação dos índios, que haviam impedido de armas nas mãos que a primeira partida demarcadora entrasse em terras de São Miguel. (VERISSIMO, 2004 p. 78)

O autor narra como os indígenas procederam perante as primeiras tentativas de demarcação do território, comentando que à frente dos rebeldes estava o corregedor Sepé Tiaraju, o qual, corajosamente, falou alto e em bom som que “Deus e São Miguel haviam dado aquelas terras aos índios” (VERISSIMO, 2004, p.78), mostrando que a terra tinha dono, afastando assim a partida demarcadora.

Com o passar do tempo, Verissimo mostra como a tensão seguiu entre os povos das missões e os povos ibéricos, situação que se agravou pela resistência dos indígenas que estavam dispostos a enfrentar quem surgisse, na tentativa de proteger suas terras:

Pelo inverno de 1753 divulgou-se a notícia de que os exércitos de Portugal e Espanha tinham decidido declarar guerra aos Sete Povos. Já então lavrava s revolta e a desordem entre os índios, que não mais obedeciam aos padres. A disciplina das reduções se quebrava. Caciques, corregedores e alcaides estavam resolvidos a enfrentar os exércitos aliados. E Alonzo via agonizado, transformar-se a vida daqueles povos, onde agora só se faziam preparativos bélicos. (VERISSIMO, 2004, p. 78-79)

Podemos entender, pelos fatos narrados no romance, que as reduções cada vez mais decaíam e beiravam ao caos. A partir desse momento, Verissimo passa a narrar os sucessivos combates entre os indígenas e os exércitos luso-hispânicos, muitos dos quais os indígenas saíram vitoriosos, chegando a crer que podiam vencer a guerra que se alastrou e foi denominada de Guerra Guaranítica. Neste cenário de guerra, Verissimo traz aos leitores o nascimento da lenda de Sepé Tiaraju, que se tornou um ídolo para os indígenas em combate, um chefe natural para os guerreiros. Diziam que ele possuía um lunar na testa, que brilhava. A morte desse guerreiro é narrada de um modo peculiar. Pedro, personagem de destaque em *A fonte*, é surpreendido por padre Alonzo conversando imaginavelmente, do ponto de vista do padre, e ao ser questionado como poderia estar conversando com Sepé que estava longe dali, em combate, conta ao Padre que o corregedor havia morrido: “- Vi o combate. O alferes foi derrubado do cavalo por um golpe de lança. Vi quando ele quis erguer-se e um homem... um general... de cima do cavalo varou-lhe o peito com uma bala.” (VERISSIMO, 2004, p. 87).

Através do personagem Pedro Missioneiro, Verissimo narra como se deu a morte desse grande herói surgido nas Missões, que lutou bravamente para garantir as terras missioneiras. Com a morte de Sepé, o autor narra o início do fim para o povo das Missões, que ao enfrentar os exércitos unidos de Portugal e Espanha, que haviam se preparado com armamentos, o que os nativos não possuíam, não pode vencer a batalha, que foi decisiva para o cumprimento do

Tratado. O exército indígena, após a morte de Sepé, foi devastado, levando os que restaram ao desespero, fazendo com que destruíssem tudo o quanto podiam, atacando a fogo as missões para que estas não ficassem intactas ao inimigo.

Esta foi uma das primeiras guerras em solo gaúcho, deflagrada com a execução do Tratado de Madri, que garantiu o território para Portugal, país que sempre demonstrou, de acordo com o Romance, muito interesse nas terras do continente. Esse tratado delineou a configuração atual do Estado, que passou então a ser de posse de Portugal, sendo colonizado por ele.

2.4 A Colonização do Estado

Como sabemos, o Rio Grande do sul foi em grande parte colonizado por estrangeiros. Para Verissimo, o estrangeiro tem papel essencial na constituição da sociedade gaúcha. Sua colonização, como visto anteriormente, passou a ocorrer com mais incentivos por parte do Governo Português, que obteve a posse do Estado com o Tratado de Madri, para garantir as terras de acordo com o princípio *Uti Possidetis*, pois os portugueses tinham medo de entrar novamente em conflitos com Espanha por demarcação de territórios e perder, dessa forma, seu tão cobiçado Continente de São Pedro. Como já foi exposto, os primeiros a chegarem nas terras, com a permissão do Governo português, foram os açorianos, que serviram além de colonizadores, como braços para o exército, caso houvessem conflitos pela posse das terras com Espanha, exercendo a função de resguardadores. No episódio *Ana Terra*, Verissimo menciona algumas informações dos açorianos em solo continentino. Antônio, irmão de Ana, ao chegar de viagem do Rio Pardo, além de contar várias outras novidades à família, traz também uma acerca dos açorianos,

Antônio começou a contar das estâncias que vira, de suas várias lavouras de trigo, do número de peões e escravos que certos estancieiros ricos possuíam. Tivera ocasião de beber o excelente vinho feito pelos colonos açorianos com uva nascida do solo do Rio Pardo! (VERISSIMO, 2004, p. 123)

Através da descrição que Antônio faz a família, Erico Verissimo introduz no romance a presença dos colonos açorianos no continente de São Pedro. Podemos perceber como estavam

organizando suas vidas ao lermos a reflexão de Maneco Terra, quando recorda sua última visita a Porto Alegre, na qual refletia a vida do povo, onde só valia quem era militar ou Padre, o restante do povo vivia mal, passando fome. Maneco comenta sobre os açorianos que estavam conseguindo aos poucos enriquecer:

Era verdade que havia alguns açorianos que estavam enriquecendo com o trigo. Esses prosperavam, compravam escravos, pediam e conseguiam mais sesmarias e de pequenos lavradores iam se transformando em grandes estancieiros. Mas o governador não entregava as cartas de sesmaria assim sem mais aquela... Se um homem sem eira nem Beira fosse ao Paço pedir terras, botavam-no para fora com um pontapé no traseiro. Não senhor. Terra é pra quem tem dinheiro, pra quem pode plantar, colher, ter escravos, povoar os campos. (VERISSIMO, 2004, p.125)

Através dessa passagem da narrativa, na qual Maneco fala da prosperidade dos colonos açorianos, podemos perceber também que eles possuíam o apoio do Governo Português, pois quando solicitavam sesmarias, recebiam-nas. O governo incentivava a imigração dos colonos, pois eram braços trabalhadores, vinham para o Continente de São Pedro e ajudavam-no a prosperar, pois plantavam e aos poucos iam enriquecendo, construindo grandes estâncias, nas quais também tinham escravos, comprados por eles. Além disso, o que está contido também nessa passagem é que muitos continentinos nascidos ali não possuíam apoio do governo, que não os ajudava quando solicitavam terras, pois não tinham muitas condições de vida, o que justamente Maneco Terra estava a refletir na narrativa, a decadência do povo, que vivia mal, com exceção dos militares, padres e colonos.

Verissimo descreve também em *Um certo capitão Rodrigo* a dependência dos açorianos em relação ao Governo Português, pois tinham medo da Independência, porque pensavam que, se ela ocorresse, ficariam abandonados. Dessa forma, Verissimo narra a fidelidade dos açorianos em relação ao Governo Português,

Esses açorianos, tão apegados a suas terras, lavouras, lojas e oficinas, representavam a ordem, a estabilidade, o respeito às leis, a obediência à Corte de Lisboa. Mas os homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Platina, onde estiveram em contato com os caudilhos e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades – esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. (VERISSIMO, 2004, p. 264)

Como podemos perceber nesse trecho, os colonos açorianos representavam a ordem para o Governo Português. Já alguns, como o Capitão Rodrigo, eram movidos por sentimentos revolucionários e queriam a independência da província em relação ao Governo Português. Ainda nesse mesmo episódio, *Um certo Capitão Rodrigo*, Verissimo comenta sobre as características e costumes dessa etnia, ao usar o personagem de Pe. Lara para descrever o noivo de Rosa, prima de Pedro Terra, que por sua vez era filho de Ana Terra. O noivo de Rosa era de Porto Alegre, dessa forma Pe. Lara analisa as características do colono, fazendo um contraponto ao povo do Continente, que era constituído da mistura de portugueses com índios, em especial com Rodrigo Cambará:

E agora, observando o moço de Porto Alegre que viera casar com uma filha de Santa fé, o Pe. Lara mais uma vez ficava em dúvida quanto ao tipo que mais lhe agradava: o habitante sedentário e pacato do litoral ou aquela gente meio bárbara do interior? E concluía um tanto alarmado que, contra toda lógica, entre o futuro genro de Joca - o moço quieto, que se confessava, tomava comunhão e ia à missa- e Rodrigo Cambará, que não tinha Deus nem lei e zombava da religião, ele, um sacerdote, preferia o último, de todo o coração. (VERISSIMO, 2004, p. 265)

Padre Lara, ao fazer esse contraponto, ao mesmo tempo em que diz preferir Rodrigo em relação ao moço açoriano com modos, demonstra seu ponto de vista sobre as pessoas da província, como sendo eles bárbaros sem modos.

Com base sobre o que Verissimo narra em seu romance sobre os açorianos, percebemos que esses colonos obtinham apoio do governo em sua permanência no Estado, pois estes respeitavam o governo, sendo fieis a ele. Esses colonos exerceram a função de colonizar as terras do sul do país para garantir a Portugal a posse do território. Junto com índios, portugueses, foram aumentado a população do Continente do Rio Grande de São Pedro, fazendo-o prosperar, pois plantavam e com o fruto de seu trabalho, além do apoio do governo, iam enriquecendo e aumentando suas estâncias.

Outro grupo de colonos que Erico Verissimo também introduz no romance, em *O Continente*, é de alemães. O autor narra a chegada a Santa Fé ainda no episódio *Um certo capitão Rodrigo*:

Em princípios de 1833 Santa Fé foi sacudida por uma grande novidade: a chegada de duas carroças conduzindo duas famílias de imigrantes alemães, as primeiras pessoas

dessa raça a pisarem o solo daquele povoado. [...] Muitos dos santa-fezenses nunca tinham visto em toda a sua vida uma pessoa loura, e aquela coleção de caras brancas, cabeleiras ruivas e douradas, olhos azuis, esverdeados e cinzentos – era uma novidade tão grande que a manhã de fevereiro mais parecia um dia santo com quermesse, cantigas e danças na frente da igreja. (VERISSIMO, 2004, p.319)

Podemos perceber a novidade que foi a vinda dos colonos a Santa Fé, principalmente por suas características físicas, que eram totalmente diferentes ao povo da província, que possuíam cabelos e olhos castanhos, ou negros, com traços bem marcados. Esse grupo de colono é construído por Verissimo em *O Continente* como sendo um povo trabalhador, de bons costumes e modos. Inicialmente, os colonos que chegam a Santa Fé fazem parte de duas famílias: os Schultz e os Kunz. Em várias passagens de *Um certo capitão Rodrigo*, o autor fala das características e costumes dessa etnia:

Na encosta verde duma colina abria-se um grande quadrilátero de terra avermelhada, onde algumas pessoas trabalhavam. Rodrigo reconheceu a lavoura dos Schultz. Lá estava toda a família a mourejar [...]. Ao aproximar-se da lavoura, Rodrigo ia pensando naqueles imigrantes. Fazia meses que estavam no povoado e viviam quietamente sua vida. Trabalhavam de sol a sol, desde o filho mais moço, de oito anos, até o velho Hans. (VERISSIMO, 2004, p.327)

Nesse trecho pode ser confirmada a ideia de que os colonos alemães eram pessoas trabalhadoras, que vieram para o Continente e o ajudariam a prosperar. Há também passagens que falam dos costumes e modos dos alemães:

A casa de Hans Schultz e a de Erwin Kunz ofereciam um contraste nítido quando comparadas com todas as outras do povoado. Eram graciosos chalés de madeira, muito limpos, que tinham até cortinas e vasos de flores nas janelas. Pouca gente do povoado havia entrado nelas, mas os poucos que as visitavam diziam que lá dentro até o cheiro das coisas era diferente. O que chamava também muito a atenção dos santa-fezenses eram os jardins bem cuidados que havia na frente de ambos os chalés, com seus canteiros caprichosos e suas flores. “Estrangeiro é bicho esquisito”, comentavam os naturais do lugar. (VERISSIMO, 2004, p. 329-330)

Com base nesta parte da narrativa podemos dizer, em certa medida, que os colonos alemães eram mais “civilizados” que o povo da província. Esses estrangeiros possuíam costumes delicados, detalhistas, em relação aos continentinos, que eram em grande maioria bárbaros. Para os santa-fezenses os estrangeiros, como na citação acima, eram “bicho esquisito”, pois os naturais da província não conheciam os costumes dos imigrantes e dessa

forma os julgavam esquisitos. O que devia ser recíproco, pois talvez os imigrantes também achessem esquisitos os costumes e modo de vida dos que viviam no estado, no Continente de São Pedro.

Esse grupo de colonos, os alemães, contribuíram muito para a formação do Estado do atual Rio Grande do Sul. Com seu trabalho, ajudaram-no a prosperar e crescer, e seus costumes foram sendo repassados aos moradores da província, ajudando-os a melhorar culturalmente. Kreutz comenta a respeito desses colonos na narrativa de Erico Verissimo:

[...] tanto os imigrantes alemães que se estabeleceram na vila de Santa Fé quanto os da colônia Nova Pomerânia são descritos como muito diligentes, transformando logo o meio, organizando-se e progredindo. Em Santa Fé abriram confeitarias, casas comerciais, indústrias de conservas, de sabão, de artefatos de couro e serraria. (KREUTZ, 2000, p.161).

Tanto os açorianos como os alemães, na visão de Verissimo, foram peças fundamentais na constituição da sociedade gaúcha. Assim como outros grupos que não foram abordados, ajudaram a fortalecer a cultura gaúcha, assim como o Estado Gaúcho, que formou-se, como o resto do Brasil, a partir de uma grande diversidade cultural.

2.5 Análise da Revolução Farroupilha

A revolução Farroupilha, abordada em *O Continente*, no episódio *Um certo capitão Rodrigo*, é trazida por Verissimo para relatar um dos acontecimentos que marcaram a história do Estado. O autor narra esta guerra utilizando personalidades históricas, assim como fatos históricos que aproximam a narrativa do real. Através dos fatos sucedidos no romance, o autor mostra como estavam os ânimos do povo da província com a notícia da eminente guerra e como esta afetava a vida dos mesmos. Verissimo faz questão de mostrar que apesar da guerra para uns significar tristeza, principalmente para as mulheres que ficavam angustiadas por seus filhos e maridos irem para os combates, para outros representava alegria, como por exemplo para o Capitão Rodrigo, que tinha espírito revolucionário e dizia que guerra fazia bem aos homens. No romance o povo de Santa Fé acompanhava atento os fatos que se sucediam, sempre que alguém chegava de fora do povoado logo lhe pediam informações, já que demorava para as notícias chegarem até lá.

Bento Amaral – que agora era representante em Santa Fé do juiz de paz de São Borja – chegara, havia pouco, de Porto Alegre e contava que a Câmara Municipal dera seu apoio aos liberais e que por sua vez o presidente da Província censurara esse pronunciamento da Câmara. Nas ruas da cidade, liberais e restauradores discutiam, diziam-se nomes, engalfinhavam-se a tapas e socos. (VERISSIMO, 2004, p.329)

Toda vez que alguém chegava de fora os santa-fezenses esperavam ansiosos e aflitos as notícias da guerra que estava por atingir toda a província; de um lado estavam os restauradores e de outro os liberais, mais conhecidos por Farroupilhas. “Os restauradores chamavam os liberais de “farroupilhas” e “pés -de-cabra”. Os liberais retrucavam, chamando seus adversários de “retrógrados”, “galegos”, caramurus”. Ninguém se entendia mais.” (VERISSIMO, 2004, p.329).

Verissimo vai contando todos os fatos sucedidos nessa revolução no episódio *Um certo capitão Rodrigo*, falando dos acontecimentos marcantes da revolução, assim como os motivos da mesma. Através do personagem do Padre Lara o autor traz para conhecimento dos leitores vários fatos sucedidos no contexto político da revolução. Verissimo conta que Pe. Lara por não poder sair em suas caminhadas noturnas, devido ao forte inverno, ficava lendo jornais “de data muito atrasada” (VERISSIMO, 2004, p. 340) que eram enviados para ele por amigos através de emissários. Muitas informações são trazidas aos leitores através das reflexões angustiadas de Pe. Lara, que sempre que podia se inteirava da situação em que estava a província, uma delas a pressão que o presidente da província recebia por parte dos farroupilhas para deixar o poder, como percebe-se na passagem:

A situação não podia ser pior. Atacava-se o presidente da Província, o dr. Fernandes Braga, que havia tomado posse do cargo em maio daquele ano. Dizia-se que quem realmente mandava no governo era o irmão do presidente, o juiz de direito de Porto Alegre, um homem que os liberais acusavam de retrógrado, vingativo e autoritário. (VERISSIMO, 2004, p. 341).

A situação da província estava cada vez mais complicada. Verissimo narra que os liberais farroupilhas pressionavam o presidente para esse abandonar o cargo. De acordo com a narrativa, os Amarais ficariam do lado da lei, “Ricardo e sua gente se manteriam fiéis a legalidade” (VERISSIMO, 2004, p.341). Como Rodrigo era revolucionário, com espírito

anarquista apoiava os farroupilhas. Dessa forma podemos ver que Cambarás e Amarais sempre estavam de lados opostos.

O personagem de Pe. Lara refletia sobre um plano que se comentava a respeito dos liberais: “seria verdade que os liberais planejavam mesmo anexar a Província à Banda Oriental? Ou tudo era intriga? Com quem estava a razão?” (VERISSIMO, 2004, p.342). Essa era uma das questões que fizeram a revolução, que para o Estado do RS assumiu caráter separatista, piorar, o fato que alguns comentavam dos liberais desejarem separar a província do resto do Brasil. Através do personagem de Juvenal Terra, irmão de Bibiana, que traz notícias para o povoado de Santa Fé sobre a revolução, após chegar de uma de suas viagens ao Rio Pardo, Verissimo aborda uma das questões que incitaram os gaúchos a revolução, o fato da cobrança excessiva de impostos aos produtos do sul,

Ouvira falar de tumultos no Rio Grande e de ameaças de revolta em Viamão. Conversara com muitos charqueadores que estavam irritados com o governo central, que os obrigava a pagar seiscentos réis fortes de imposto por arroba de charque. Os criadores também se queixavam, indignados, de que além da taxa de dez mil-réis por légua quadrada de campo, os quintos que tinham de pagar sobre o couro “eram uma barbaridade”; e se quisessem exportá-lo, Santo Deus, nesse caso o imposto era dobrado! Não se podia fabricar nada que lá vinham os impostos mais absurdos, os dízimos, como se o Rio Grande fosse uma colônia e não uma província do Brasil. (VERISSIMO, 2004, p.342).

Esse trecho revela a indignação por parte dos estancieiros e produtores do Sul do país em relação aos altos e exploradores impostos por parte do governo. Esse foi um dos principais motivos que levou a revolução a acontecer. Os produtores do sul queriam independência em relação ao Governo Central que em nada os ajudava. De acordo com o que é narrado no romance “A todas essas São Pedro do Rio Grande vivia abandonado e esquecido pela metrópole” (VERISSIMO, 2004, p.343). Os sulinos sentiam-se abandonados em relação às demais regiões do país, pois o governo parecia querer os castigar com a cobrança exorbitada de impostos.

Ao longo da narrativa a revolução vai sendo narrada em seus detalhes mais importantes até chegar a Santa Fé. Rodrigo havia saído de casa para fazer parte das tropas farroupilhas. Seu sogro havia sido preso por não concordar com a atitude de Ricardo Amaral que ao convocar reunião com a Câmara revelando que prometera a Fernandes Braga garantir a ordem em Santa Fé e em seus arredores, forçando os membros apoia-lo. Para tanto, estava a reunir homens para garantir a lei (VERISSIMO, 2004, p. 344). Podemos perceber que os Terra-Cambarás estavam

em oposição aos Amarais. Os primeiros representados por Rodrigo, que vai ao encontro das tropas de Bento Gonçalves, e pela atitude de Pedro Terra em discordar com cel. Ricardo Amaral, estavam do lado dos liberais farroupilhas, enquanto os segundos, os Amarais, estavam do lado da ordem, eram imperialistas. Neste cenário, no qual Rodrigo já estava longe de casa há um bom tempo, a revolução finalmente rebenta, aderindo quase toda a Província,

O estafeta do correio que chegou do Rio Pardo em fins de outubro trouxe a grande notícia. Tinha rebentado a revolução e Bento Gonçalves da Silva, chefe supremo das forças revolucionárias, havia atacado e tomado Porto Alegre! O presidente da Província fugira para o Rio Grande e o chefe farroupilha convocara o vice-presidente para assumir o governo. Dizia-se também que toda a Província aderira ao movimento, com exceção de Pelotas, Rio Grande e São Jose do Norte. (VERISSIMO, 2004, p.347).

Com o avanço das tropas farroupilhas os ânimos dos imperialistas andavam exaltados. Santa Fé estava alvorotada com os acontecimentos que ocorriam. Os homens de cel. Ricardo Amaral matavam quem recusasse o recrutamento, e já haviam começado a solicitar também cavalos, gados e comida para a população.

Mais para o fim do episódio *Um certo capitão Rodrigo*, é dada ao leitor a informação de que no fim do mês de abril finalmente a guerra chegou a Santa-Fé. Tropas farroupilhas iriam invadir a cidade e tinham por objetivo ajustar as contas com cel. Ricardo Amaral. A notícia deixou a população em caos, que logo começaram o tumulto, saindo de suas casas com “cobertores, travesseiros, sacos e baús. Eram os moradores da parte leste da vila, de onde se supunha viria o ataque: iam refugiar-se nas casas que ficavam a oeste, para além da praça.” (VERISSIMO, 2004, p.353). Assim por diante Verissimo vai narrando a guerra que vai se alastrando pela província. Ele narra que Bibiana não quis sair de casa ao saber do ataque, apesar da insistência do irmão, para esperar Rodrigo, pois alguma coisa lhe dizia que ele viria. A população já havia se trancado em casa sendo que a maior parte estava abrigada na igreja. Logo após começa o conflito, no qual a população escuta angustiada o tiroteio. Bibiana esperava aflita o marido que realmente foi vê-la, infelizmente pela última vez. Passaram algum tempo juntos e então Rodrigo juntou-se aos demais farroupilhas para atacarem o casarão dos Amarais. Após momentos de muito tiroteio os Farrapos conseguem entrar no casarão e toma-lo. Mas para a tristeza morre o Cap. Rodrigo. Cel. Ricardo Amaral também morre, e Bento Amaral foge e posteriormente imigra para o Uruguai. Quirino, companheiro em combate de Rodrigo, é quem leva a notícia da morte do Capitão para o Pe. Lara “– Padre, tomamos o casarão. Mas mataram

o capitão Rodrigo – acrescentou, chorando como uma criança.” (VERISSIMO, 2004, p.360). E a tarefa de levar a notícia da morte de Rodrigo para Bibiana fica com o Padre.

Dessa maneira Verissimo acaba por encerrar o assunto da Revolução, com a morte de Rodrigo. Como sabemos, essa guerra durou dez anos e ocasionou muitas perdas para a província, que lutava pela autonomia diante do governo, falava em libertar os negros e que sentia-se abandonada. Não entendiam as ações do governo, pois sempre o ajudaram sendo os primeiros a entrar nas guerras para defender a Pátria e agora essa mesma pátria os extorquia. A guerra dos Farrapos acabou com amores, destruiu famílias e causou enorme tristeza para quem teve seus entes queridos mortos. Além do mais, levou a República à decadência e o atraso para a província de São Pedro.

2.6 Revolução Federalista

Nos episódios de *O sobrado*, podemos ver claramente que existem duas famílias que pertencem cada uma a um partido político. Santa Fé possuía influências diretas dessas duas famílias: a dos Amaral e a dos Terra-Cambará. A primeira era liderada pelo Coronel Bento Amaral, enquanto que a segunda pelo jovem Licurgo Cambará. A família Amaral era conservadora e seus integrantes faziam parte do Partido Liberal. Já Licurgo, representante dos Terra-Cambará, possuía, juntamente com seu amigo Toríbio Rezende, ideais republicanos e abolicionistas. Licurgo e Toríbio lideravam o Clube Republicano de Santa Fé. Essas duas famílias são centrais no romance, e tornam-se oponentes no decorrer da narrativa, pelo fato de divergirem em opiniões e atitudes. Porém, o que os torna inimigos de vida são os partidos políticos escolhidos por ambos.

Com a explosão de uma nova revolução no Estado, a Guerra Civil Federalista, os Amaral foram para o lado dos Federalistas, maragatos que defendiam o império, já os Terras-Cambará, representados na figura de Licurgo Cambará, neto de Bibiana Terra, ficaram do lado do Partido Republicano, dos ximangos os quais ansiavam em ver a queda da monarquia e ver instaurada a república rio-grandense,

Registrado na história como um embate de contornos bárbaros, com fartos registros de degolas, humilhações e massacres, aos quais não escapavam velhos, mulheres e

crianças, a revolução de 93 tornou a envolver inocentes nas contendas da elite rio-grandense. Na oportunidade, o confronto foi entre os federalistas, chamados maragatos, simpáticos ao parlamentarismo monárquico e chefiados por Gaspar Silveira Martins e os republicanos, ditos pica-paus ou chimangos, que eram republicanos e obedeciam à chefia de Júlio de Castilhos, (SANTOS, 2000, p.109)

Licurgo Cambará, neto de Bibiana e descendente de Rodrigo Cambará, sempre apresentou uma personalidade diferente em relação aos nascidos, como ele, em Santa Fé. Possuía ideias inovadoras e contemporâneas, com relação à pacata vida da cidade. Licurgo importava-se com o cenário político e econômico da época,

O convívio com Toríbio Rezende, a leitura dos artigos que Júlio de Castilhos publicava na imprensa atacando o império e fazendo a propaganda da abolição e da república – tudo isso tinha feito de Licurgo Cambará um republicano e um abolicionista. Ficava de tal modo dominado por essas ideias que acabara quase fanatizado por elas. (VERISSIMO, 2004, p. 288, vol. II)

Licurgo era um dos únicos que nasceram em Santa fé que demonstrava possuir uma grande intelectualidade, gostava de ler artigos de Júlio de Castilhos, e tinha como um de seus melhores amigos Toríbio Rezende, figura que era muito influente, sendo um dos poucos que sabia discursar com bravura e discernimento ao público.

Em todos os episódios de *O sobrado*, Verissimo narra os fatos sucedidos na Guerra Civil Federalista. A família de Licurgo tranca-se no sobrado afim de lutar para não entregar a cidade aos federalistas, já que era a única propriedade que não havia sido tomada pelos federalistas, que dessa forma não podiam ter Santa Fé sob ocupação total.

Os Federalistas haviam tomado a cidade quase uma semana, mas Licurgo Cambará, o intendente e chefe político republicano do município, encastelara-se em sua casa com toda a família e um grupo de correligionários, e de lá ainda oferecia resistência. Enquanto o Sobrado não capitulasse, os revolucionários não poderiam considera-se senhores de Santa Fé, pois os atiradores da água-furtada praticamente dominavam a praça e as ruas em derredor. (VERISSIMO, 2004, p.22)

Licurgo resiste até o fim da guerra, ficando enclausurado com a família, peões e outros republicanos, colocando todos em situação péssimas, pois não tinham atendimento médico para os feridos, o que ocasionou inclusive a morte de alguns, além de estarem sem comida, com

exceção de laranjas e farofa. Através de seus personagens, Verissimo demonstra a decadência que a guerra ia causando nas pessoas, como no caso de Liroca, que defendia os federalistas,

- Estou cansado de andar barbudo, piolhento, dormindo na chuva, acordando com geada na cara. [...] – Vivo com o estômago embrulhado. O cheiro de sangue e de defunto não me sai das ventas. Sinto-o na água, na comida, na mão, no vento, em tudo. (VERISSIMO, 2004, p.24)

Percebemos, através do relato do personagem de Liroca, que a guerra civil estava sendo dura, levando os envolvidos tanto ao desgaste físico como ao emocional, diante de tudo que viam e faziam. Licurgo não queria pedir trégua, nem apesar da situação em que se encontrava sua esposa já debilitada de sua saúde, pois dera a luz a uma criança morta. Licurgo esperava confiante os republicanos chegarem a Santa Fé, e se perguntava por que as tropas federalistas ainda não haviam se retirado,

Há coisa dum semana um emissário vindo de Cruz Alta lhe trouxe a notícia de que as forças de João Francisco estavam marchando para atacar as do alm. Saldanha da Gama, lá para as bandas de Alegrete. Será provavelmente a batalha decisiva da campanha, o golpe de misericórdia nos federalistas. Muitos chefes maragatos já emigravam para a Banda Oriental. No entanto o cel. Alvarino Amaral insiste em sacrificar vidas neste cerco absurdo, por puro orgulho e pelo ódio que tem a ele, Licurgo Cambará, seu adversário político e inimigo pessoal de tantos anos. (VERISSIMO, 2004, p.30-31)

Esta é mais uma das várias partes da narrativa que mostra que Cambará e Amaral sempre foram inimigos políticos e pessoais. As ações dessas famílias refletiam diretamente na sociedade de Santa Fé, pois as atitudes e escolhas feitas por ambas atingiam os demais moradores devido à grande influência das duas famílias na vida da população.

Com o fim da guerra civil, quem saiu vitorioso foi o Partido Republicano. Os maragatos deixaram Santa Fé, e Licurgo e sua família puderam sair finalmente de seu confinamento dentro do Sobrado. Licurgo saiu do cerco e foi alegremente receber os republicanos que haviam chegado a cidade, para contar-lhes que aguentou até o fim sem pedir trégua. Esse personagem representava o chefe de família que com determinação e coragem, ao resistir o cerco do Sobrado saiu vitorioso e mais tarde se torna chefe de estado.

A respeito da importância dessa guerra para o Estado, Santos comenta que “Na história do Rio Grande do Sul esse é um conflito essencial, pois significa a passagem da antiga ordem

institucional, arranjada com os acordos imperiais que puseram fim à revolução farroupilha, à ordem republicana, assentada no ideal positivista de Júlio de Castilhos.” (SANTOS, 2000, p.109). Apesar de terem ocorrido por motivos diferentes, tanto a Revolução Farroupilha como a Revolução Federalista, tiveram como oponente o governo, ambas foram lutadas contra os imperiais e legalistas. Sem sombra de dúvida foram muito importantes para o Estado, pois com a vitória por parte dos Republicanos na guerra Federalista o Estado passou a ter um presidente voltado para os assuntos e interesse do Estado e uma República para tanto.

3 A CONSTITUIÇÃO DA NAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE

Este último capítulo tem por objetivo falar a respeito da identidade sul-rio-grandense. Qual a origem étnica desse povo e como ele se formou? Por que os gaúchos se reconhecem como uma nação que tem orgulho por sua identidade e pertencimento a esse grupo?

3.1 Erico Verissimo: platinista ou lusitanista?

No decorrer do século XIX e em grande parte do XX, a historiografia brasileira desejava encontrar a substancialidade nacional, para conseguir chegar a uma identidade para o povo brasileiro. Nesse sentido, para entender o nacional, antes se deveria entender o regional. A partir de então o regionalismo começa a conquistar espaço, sendo tema de várias obras. O discurso regionalista passa a dar ênfase e destaque para a região, que passa a ser recriada, principalmente em seu lado social, na qual os autores escreveriam sobre problemas sociais, históricos e culturais. As produções também buscavam falar acerca das características e essências. Na busca pela essência nacional, tentou-se entender suas partes, regiões.

Os escritores do RS sempre afirmavam em suas produções os feitos históricos do Estado, sua independência e autonomia diante do restante do Brasil. Na década de 1920, estabeleceu-se uma nova orientação sobre a produção do passado regional, para os escritores, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS). O objetivo geral, que se buscava atingir através do controle da escrita sobre a história, era estabelecer uma relação entre a região com a nação, para afirmar os intelectuais "da província" em relação aos locais centrais de produção e consumo cultural no país, Rio de Janeiro e São Paulo. Essa instituição passou a impor limites à escrita sobre o Estado, detendo o poder do discurso legítimo, e dessa forma, definindo os parâmetros válidos, atuando como um "tribunal da história", o qual aceitaria ou rejeitaria toda a historiografia produzida no RS. A historiografia que era tida como aceita pelo IHGRS advinha do pensamento de que o Estado e a nação estavam alicerçados em uma narrativa político-administrativa e em feitos militares. Nesse contexto surgem duas matrizes interpretativas: lusitanistas e platinistas. A matriz lusitana defendia a predominância do elemento português na formação do estado; já a matriz platinista considerava a influência do elemento espanhol da região do Prata, na constituição do Estado. Alguns Intelectuais platinistas também defendiam a ideia de que o índio missioneiro e as Missões

contribuíram para a formação do estado e para a identidade do povo gaúcho, o que não era reconhecido pelos lusitanistas. Essa questão gerava conflitos entre ambos os intelectuais, que divergiam se consideravam ou não as Missões Orientais como parte da história e da formação do povo gaúcho. Para Erico Verissimo, essa questão possuiu grande importância. O autor, em *O Continente*, relega um episódio só para isso. Em *A fonte*, que significa origem, Verissimo recua no tempo para falar das reduções jesuíticas implantadas pela Coroa de Espanha em sua parte do território. Ele também fala em especial dos Sete Povos das Missões, pertencentes à Espanha e que estava contido em território sulino, bem perto do Continente do Rio Grande de São Pedro. As Missões foram o início da ocupação do Estado, pois, com a descoberta do mundo novo e a colonização do Brasil, já viviam no país milhares de nativos. Os povos iberos precisavam estabelecer contato com os nativos e evitar brigas pela posse do território. Dessa forma, a grande estratégia encontrada para controlar e ao mesmo tempo “civilizar” os nativos foram as reduções, os aldeamentos. Verissimo passa então a narrar fatos e acontecimentos ocorridos nas Missões dos Sete Povos, mostrando a importância dessa civilização, que segundo o que ele narra, eram prósperas e muito organizadas. A figura do índio também foi um elemento importante para Verissimo. Através do personagem Pedro Missioneiro o autor passa a narrar a origem da família Terra-Cambará. Apesar de sua curta aparição no desenvolver do romance, Pedro Missioneiro é a base para o progresso da trama. De acordo com Pritsch:

Pedro é a origem ficcional do clã Terra Cambará; isto é, o índio missioneiro está miscigenado aos bandeirantes paulistas, constituindo “a fonte” racial do Rio Grande do Sul. Assim, o gaúcho literário de Erico tem sangue indígena nas veias. Da mesma forma, a cultura missioneira passa a ser ponto de partida: pode Rio Grande, Rio Pardo, CTGs, IHGRS decidirem de um modo, “A Fonte” já mostrou a que veio: seus capítulos iniciais revelam-se concordantes com uma visão histórica espanhola e jesuítica. (PRITSCH, 2005, p.89)

Assim como a figura lendária de Sepé Tiaraju, que está na história, apesar de ser concreto Pedro Missioneiro não é levado em consideração. Verissimo, ao narrar o episódio *Ana Terra*, mostra que o principal elemento da constituição do povo sul-rio-grandense é o português, porém, apesar da fugaz participação dos nativos, eles também possuem importância. Os lusitanos descartam a figura dos nativos na constituição da nação-sul-rio-grandense. Reichel retrata essa visão dando o seguinte exemplo:

O nascimento do filho de Ana Terra e de Pedro Missioneiro retrata essa situação na obra ficcional. O elemento de caráter permanente é o português. Ana Terra é a mãe e a figura que cria e permanece junto ao filho, transmitindo-lhe sua cultura. O índio

missioneiro tem uma participação tão fugaz na formação da sociedade quanto a duração de seu personagem no romance. Dele, só o que interessa era a figuração enquanto contribuição racial. Da sua cultura, dos seus valores quase nada se aproveitou, o que é bem representado pela fala escassa do personagem Pedro Missioneiro. (REICHEL, 2000, p. 213).

De acordo com essa autora, no imaginário de Erico Verissimo, a sociedade sul-rio-grandense é constituída com base na união de portugueses com índios missioneiros, originando assim uma identidade regional. Podemos perceber isso em *O Continente*, onde percebemos que o autor narra que o povo rio-grandense advém da mistura de portugueses, que se estabeleceram no Brasil, com índios que o habitavam. De acordo com o romance, o povo da província de São Pedro possuía traços rústicos e bárbaros. Reichel comenta que Verissimo “ao vincular a origem da família de Ana Terra ao tropeirismo, atividade econômica que encontrou seu auge no período que corresponde ao do romance, o escritor nos apresenta a sua representação acerca da origem étnica predominantemente portuguesa da sociedade gaúcha.” (REICHEL, 2000, p.212). O relacionamento de Pedro Missioneiro com Ana Terra dará início ao clã dos Terra, o qual tem a miscigenação de sangue bandeirante ao guarani.

Na época em que Verissimo escreveu sua obra havia um desejo intenso de nacionalismo, o Rio Grande do Sul buscava estreitar vínculos com o resto do país. Dessa forma a corrente que possuía força, além de apoio e incentivos do governo de Vargas, era a matriz lusitana. Verissimo dessa forma estava inserido nesse contexto, pois possuía amigos que defendiam a corrente lusitana como Meyer, Vellino e outros ardentes lusitanistas e amigos pessoais do escritor. Também possuía amigos que aderiram à corrente platinista, como Mansueto Bernardi e Manoelito de Ornellas. Apesar dos episódios de *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo* favorecerem os lusitanistas, Erico deixa clara sua adesão também à corrente platinista, como evidencia Pritsch: “na medida em que inclui as Missões e tudo o que a elas se refira: a catequese, a rotina, a música, o rebanho.” (p.80). O autor reconhece a predominância do elemento português em seu romance, mas salienta a contribuição de aspectos defendidos pelos platinistas. Pritsch comenta:

Enquanto os historiadores estão preocupados em forjar uma ascendência nobre para os gaúchos – e para isso convinha uma matriz mais lusitanista porque mais européia – Verissimo reforça a inclusão das Missões, de Sepé e dos índios guaranis na sua história. Na esteira de Simões – que juntara “O Lunar de Sepé” em *Lendas do Sul* e escrevera *Terra Gaúcha* –, Erico reforça a herança genética guarani no clã dos Terra, mas também evidencia a exclusão de Pedro Missioneiro das relações sociais. Identificado com Sepé, cujo lema tradicionalmente conhecido era *Essa terra tem dono!* Pedro Missioneiro, representando os guaranis de modo geral, era o dono da

terra. Ironicamente, ao associar-se a uma Ana Terra, além da morte, deixou aos da sua etnia um legado de exclusão social, de sem terra, sem-sobrado, uma matriz popular que se deslocará, em *O Tempo e o Vento*, para os Carés, para os pobres-diabos. (PRITSCH, 2005, p.91).

Verissimo serve-se de construções imaginárias apoiadas em dados reais e concretos, utilizando fatos e personagens verídicos que aliados a sua ficção a tornaram possuidora de sentido e verossimilhança. Através da escolha dos personagens e de suas características o escritor relata como é vista a identidade coletiva. A identidade de uma nação demonstra o pertencimento a um grupo que possui características próprias, marcantes. Pode-se dizer que o romance de Erico Verissimo contribui para o processo de reconhecimento e detalhamento da identidade do sul-rio-grandense e que o autor inclui a importância das Missões e da figura do índio missioneiro na composição desta sociedade.

3.2 Rio Grande do Sul, um Estado-nação

Todas as sociedades modernas podem ser consideradas *Estados-nações*, pois estão organizadas sob o comando de um governo instituído que controla e impõe suas políticas. Nesses Estados-nações modernos, seus cidadãos desfrutam de direitos e deveres assegurados por seu governo, tendo ainda o direito de interferência e influência nas decisões políticas de seu interesse. Um dos pontos característicos do Estado-nação é o sentimento de nacionalismo que está atrelado a uma série de símbolos e convicções tidos como traços representativos de uma determinada identidade nacional. Esse sentimento de nacionalismo é uma das principais fontes de força unificante e mobilizadora.

Os sul-rio-grandenses reconhecem para si uma identidade particular em relação ao resto do país. Formam uma massa de cidadãos que se considera parte de uma mesma nação, com suas particularidades. O sentimento de nacionalismo desencadeado no século XIX originou um conjunto de sentimentos, ideias e atitudes políticas que resultaram na formação dos Estados-nações contemporâneos, que consideravam como base a soberania e a cidadania, garantidas por uma Constituição democrática. Nessa Constituição, seus cidadãos deveriam representar e escolher os interesses comuns, e não consideravam a figura de um monarca. Devido a esse fato, desencadearam-se ideias e preferências por parte do regime político republicano, que tornou-se comum nesse período. A Revolução Farroupilha, transposta para dentro de *O Continente*, no

episódio *Um certo capitão Rodrigo*, foi protagonizada por um exército composto por pessoas que lutavam pela “nação” e identificavam-se como membros de um só “corpo nacional”, de uma só pátria. Os sul-rio-grandenses tinham dentro de si o desejo por independência, pois viam-se como uma nação autônoma que podia sobreviver sem o império, somente com suas políticas internas. Foram elegidos heróis que representavam os ideais desta nação, os farroupilhas durante a Revolução, como Bento Gonçalves, figura possuidora de caráter, respeito e heroísmo para os gaúchos.

Com relação à concepção de Estado, que passou a ser designado assim com a independência do Brasil, pois antes eram designados províncias e eram controladas por um monarca, passaram a serem estados dirigidos por uma estrutura administrativa, como instituições públicas que representam, organizam e atendem, em certa medida, às necessidades de sua população. Com relação à concepção de nação, seu conceito é relacionado com a identidade, cultura e aos aspectos históricos, que contribuíram para a formação do reconhecimento de pertencimento de seus membros a um grupo. Pode ser entendida também como um agrupamento ou organização de uma sociedade que partilha dos mesmos costumes, características, idioma, cultura e que já possuem uma determinada tradição histórica. No caso da nação sul-rio-grandense, partilham costumes como o chimarrão, o tradicional churrasco, arroz de carreteiro, entre outros costumes ligados à gastronomia gaúcha que é visivelmente identificada. Também as danças tradicionais, que Verissimo inclui em seu romance como o tatu, a chimarrita e o ritmo do fandango. As características desse povo são reconhecidas como de fibra, coragem, bravura, contidas inclusive nos personagens Ana Terra, Bibiana Terra, Capitão Rodrigo e Maria Valéria de *O Continente*. O sotaque gaúcho também é outro aspecto pelo qual se reconhece os sul-rio-grandenses, que possuem traços marcantes e peculiares em sua linguagem, como os termos, Guria, Piá, Bah, Tchê, Barbaridade, Peleia entre vários outros. Acerca disso, do reconhecimento de pertencimento a uma grupo, Hall comenta o assunto dando o exemplo de como os ingleses se reconhecem:

[...] nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma

comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’ (HALL, 2005, p. 106).

Diante do comentário de Hall, assim como os conceitos de Estado e Nação, podemos reconhecer o Estado do Rio Grande do Sul como sendo um Estado-Nação. Seus cidadãos possuem suas características, costumes, tradições e personalidades partilhados entre si que os fazem se reconhecer, ou melhor dizendo sentirem parte de um povo, que possui sua identidade marcadamente diante do resto do Brasil, com um território conquistado por guerras e revoluções que entraram para a história da nação sulina.

3.3 Identidade baseada em coragem e ousadia

Levando em consideração que os sul-rio-grandenses se reconhecem como uma nação com suas características particulares, reconhecidos por suas tradições e cultura, eles também apresentam uma identidade acentuada. Essa identidade do povo gaúcho é tida por muitos como uma visão do gaúcho bravo, valente, que está pronto para tudo. O próprio Erico Verissimo comenta, em um prefácio de 1970, que “Existe na mitologia oral gaúcha uma imagem que é uma espécie de sùmula de todos os heróis da sua História e de seu folclore: o macho, o bravo guerreiro, o mulherengo, o homem generoso, impulsivo e livre, principalmente livre. (...)” Esse gaúcho ideal, está claramente evidente na figura do Capitão Rodrigo, que tinha sangue quente, era impulsivo, e quando se enrabichava por alguma mulher, conseguia sempre levá-la para cama. Sobretudo Rodrigo era livre, pois adorava estar nas lidas, em se tratando de guerra, e como pode ser visto no romance, quando ficava muito tempo sem guerrilhar ficava inquieto, exaltado. Há no episódio de *Um certo capitão Rodrigo* uma passagem que conta que após se exaltar com Bibiana, estando farto de levar uma vida pacata, cuidando de sua venda e de seus filhos, pega seu cavalo e sai a galopar pelas coxilhas, voltando somente no outro dia. Os homens da família Terra-Cambará representam os guerreiros que, assim como Capitão Rodrigo que participou de várias guerras, marcaram com suas personalidades fortes defendendo o Continente com grande coragem e ousadia, e sempre que uma guerra rebentava, lá estavam prontos para encará-la.

As figuras de algumas mulheres também são importantes e demonstram personalidades marcantes. Ana Terra, por exemplo, quando decide ficar e esperar os bandidos que atacariam a

fazenda de sua família, mostra determinação e coragem e ao mesmo tempo solidariedade. Pois teve determinação e coragem para decidir esperar os saqueadores, mesmo sabendo o que iria acontecer. E solidariedade, pois sabia que se fosse junto com sua cunhada e as crianças, os bandidos procurariam por mulheres, saberiam que estavam escondidas, então para preservar a vida das crianças e poupar sua cunhada de uma situação humilhante, ficou e foi abusada por horas e horas por vários homens, mas mesmo assim tem a determinação de decidir recomeçar a vida indo para os campos dos Amarais. Fica conhecida na vila de Santa Fé por ser parteira, utilizando a tesoura de poda de sua mãe. Já Bibiana é a cabeça pensante da família, quem irá organizar e garantir a segurança das futuras gerações. Ela é quem mantém o Sobrado em pé, sendo a fortaleza da família e assim como sua avó Ana Terra, representa integridade moral. De acordo com Maria da Glória Bordini, Pedro e Ana, assim como Bibiana e Rodrigo, são os heróis que fundaram uma dinastia, levando uma vida justa, na qual lutavam pela liberdade, imposta pelos opressores (2000, p.60).

Através da análise das características dessas personagens, podemos concluir que elas representam a imagem de gaúchos, que contém presença marcante, tem suas individualidades e peculiaridades, mas acima de tudo Erico Verissimo faz questão de mostrar a coragem, a ousadia e a determinação de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo e o vento trabalha com a sociedade gaúcha. A história do estado-nação sulista que perpassa a sua fundação vai ser palco das disputas familiares e do desenrolar das trajetórias das personagens. Nesse sentido, *O Continente*, primeiro tomo da obra, ilustra a função de cada líder dos principais acontecimentos históricos que marcaram as épocas de desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul. O diferencial da visão de Verissimo é que a história narrada foge aos padrões da saga contada do ponto de vista dos colonizadores. É a visão de alguém do local, que investiga o processo de estruturação social e política de dentro para fora, concedendo espaço para o sucesso e o fracasso de cada pessoa e de cada fase. O Continente significa o lugar que mais tarde se tornaria o Rio Grande do Sul, esse lugar era tido como a terra de ninguém, na qual muitos aventureiros chegavam e se apropriavam, e a conquista das terras garantia a consolidação do poder dos estancieiros na região, associado à solidificação do núcleo familiar, originando os primeiros clãs dominantes. Essa nação nasceu da miscigenação e da diversidade étnica, que de acordo com Zilberman,

“O continente sintetiza a história do Rio Grande Do Sul, escolhendo um início para ela – a guerra missioneira, com a integração do continente de São Pedro ao território português depois da destruição dos Sete Povos pelo exército de Gomes Freire de Andrade – e um elemento de agregação – a miscigenação étnica, que une Pedro missioneiro e Ana Terra, depois Bibiana terra e Rodrigo Cambará.” (2000,p.36).

Verissimo mostra que a miscigenação constituiu a sociedade sul-rio-grandense, pois o primeiro Cambará, que se chamava Chico Rodrigues, era um aventureiro que roubava gado, e quando decide constituir família muda de nome e passa a se chamar Francisco Nunes Cambará, e vira proprietário de terras. Este tem por filho Rodrigo Cambará, que se casa com Bibiana Terra, neta de Ana Terra, filha de paulistas, e neta de Pedro Missioneiro, que era um mestiço, filho de uma índia abusada por um bandeirante. Como podemos ver, o território começou a ser ocupado por confluências de vários ramos, que Zilberman ainda salienta dizendo

“A miscigenação e a diversidade étnicas são fatores poderosos na constituição do romance, pois estão ainda presentes membros dos grupos de imigrantes alemães – como os colonos que se localizam nas proximidades de Santa Fé ou o Doutor Winter, o médico estrangeiro que atua como fino analista dos comportamentos humanos no universo das personagens ficcionais – e dos pretos, como Severino...” (2000, p. 36)

Diante do ponto de vista de Erico Verissimo, a nação sul-rio-grandense formou-se da diversidade. O autor, apesar de reconhecer a figura do português como sendo a constitutiva do povo da província, mostrando assim acordo com certas ideias da corrente lusitana, reconhece que os índios são indispensáveis para a formação da identidade dos gaúchos; logo, podemos dizer que Verissimo também era um intelectual da matriz platinista, pois além de incluir o índio em sua narrativa inclui também as missões jesuítas.

Todas as guerras ocorridas na província, bem como os tratados feitos para a divisão das terras, interferiram diretamente para que o Estado tenha sua configuração atual. Os sul-rio-grandenses reconhecem sua identidade como sendo diferente das demais do restante do Brasil. Para eles, ser gaúcho significa ser corajoso, ter moral e fibra ética, e além dessas características possuem um passado com feitos heroicos, participaram de várias guerras e por amor a sua terra eram capazes de fazer quantas revoluções fossem possíveis.

A imagem depreendida através da análise de determinados personagens do romance, trazida por Verissimo em relação à identidade do gaúcho, sua essência, é construída de uma forma idolatrada. O autor dota seus personagens de características nobres, sendo eles guerreiros, bravos e destemidos. Essa visão faz apologias ao sul-rio-grandense, pois é um discurso que defende, justifica e elogia apaixonadamente esse grupo. O que não deixa de ser natural, pois cada nação reconhece a melhor identidade para si, assim como afirma ter um passado com feitos heroicos. Portanto assim como Verissimo, que enobrece a figura do sul-rio-grandense, qualquer estado brasileiro pode tentar fazer o mesmo com sua nação.

REFERENCIAS:

BARROSO, Vera Lúcia Maciel, *Açorianos no Rio Grande do Sul: uma presença desconhecida*. In: CARELI, Sandra da Silva, KNIERIM, Luiz Claudio(orgs.). *Releituras da História do Rio Grande do Sul. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore*. Porto Alegre, CORAG, 2011.

BORDINI, Maria da Glória. *O Continente: um Romance de Formação? Pós-Colonialismo e Identidade Política*. In: PEREIRA, Robson Gonçalves. (Org.). ROTH, João Luiz. (Ilustr.) *O Tempo e o Vento 50 Anos*. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP:EDUSC, 2000.

COTRIM, Gilberto. RODRIGUES, Jaime. *Saber e fazer história, 7º ano*. 7ª ed. São Paulo: SARAIVA, 2012.

GLOCK, Clarinha. *Colônia Alemã de São Leopoldo*. In: URBIN, Carlos (coord.). *Rio Grande do Sul: um século de história*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós- modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KREUTZ, Lúcio, *A Imigração Alemã em O Tempo e o Vento*. In: GONÇALVES, Robson Pereira(org.) ilustrações João Luiz Roth. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MAESTRI, Mário. *Breve história do Rio Grande do Sul: da pré história aos dias atuais*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

PRITSCH, Eliana Inge. “A Fonte”, em *O Continente: Fundação Histórica e Literária*. In: *Revista Ciências e Letras*. Porto Alegre, n.38, p.76-94, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/cienciaseletras/publicacao.htm>> Pritsch

REICHEL, Heloisa Jochims. *A Identidade Sul-rio-grandense no imaginário de Erico Verissimo*. In: PEREIRA, Robson Gonçalves. (Org.). ROTH, João Luiz. (Ilustr.) *O Tempo e o Vento 50 Anos*. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP:EDUSC, 2000.

SANTOS, Pedro Brum, *O Tempo e o Vento como Romance Histórico*. In: GONÇALVES, Robson Pereira(org.) ilustrações João Luiz Roth. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento (parte I) O Continente vol. 1*. 3ªed. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento (parte I) O Continente vol. 2*. 3ªed. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Saga Familiar e História Política*. In: PEREIRA, Robson Gonçalves. (Org.). ROTH, João Luiz. (Ilustr.) *O Tempo e o Vento 50 Anos*. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP:EDUSC, 2000.